

RESUMO

O cordel como ferramenta educacional pode trazer ao ambiente escolar, uma proposta interdisciplinar inovadora. Seu caráter popular, leva ao incentivo a leitura, e ao gosto pela escrita. Neste projeto foi desenvolvida a proposta a se trabalhar com alunos de ensino fundamental II. Para sua fundamentação, foram utilizados diversos autores que são de vital importância para o entendimento da realização dessa oficina.

Palavras-chave: cordel, educação, folkcomunicação, oficina, educação.

ABSTRACT

The cord as an educommunication tool can bring to the school environment an innovative multidisciplinary proposal. Its popular character brings to a reading initiative and the love of writing. In this project was developed a proposal to work with kids of elementary school II. For its grounding, different authors of vital importance were used for understanding the realization of this workshop.

Key-Words: cords, educommunication, folkcommunication, workshop, education.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
Cordel, Sistemas e Complexidade	9
Cordel, Corpo e Ação.....	10
Cordel e a folkcomunicação	12
O PROJETO	12
Objetivo Geral	12
Público-Alvo	12
Objetivos Específicos.....	13
Formas de se trabalhar o Cordel nas disciplinas	13
Estratégias	13
Características pedagógicas para uso do cordel	14
BIBLIOGRAFIA.....	15

INTRODUÇÃO

Construída sob os pilares do positivismo, a escola hoje apresenta diversas barreiras e dificuldades ao tentar aplicar atividades que incorporem diversas disciplinas, turmas e professores:

A Transdisciplinaridade manifesta-se, portanto como uma teoria que, na prática educativa real, é ainda bastante volátil por carecer de referenciais e critérios claros de aplicação, ainda que abertos e flexíveis. Contudo, é preciso trazer à prática educativa tal ideia. “É preciso viver a vida que se pretende mudar.” (FEYERABEND, 1991, p. 355).

É neste sentido que a Oficina Temática de Cordel, se apresenta como proposta interdisciplinar e transversal dentro do ambiente escolar. Reunindo diversos professores, de diferentes áreas do conhecimento, envolta de um único objetivo, trabalhando juntos e construindo de forma horizontal, o conhecimento ao lado dos educandos.

CURRAN, 2009 afirma sobre o cordel:

“Cem anos após seu surgimento, no Nordeste, esse tipo de poesia encontra-se numa fase de pouca produção e leitura; tornou-se mais urbano no conteúdo e, em certo sentido, é apenas relíquia de um passado glorioso. E constatamos que embora tenha diminuído, o cordel sobrevive, cumprindo ainda as funções de informar, ensinar e principalmente divertir o público. Há pouca produção de histórias novas - uma mudança importante desde sua época de ouro, na primeira década deste século e, depois, nos anos de 1920 a 1950.”

Com isso em mente, a Oficina Temática do Cordel propõe o maior aproveitamento desta cultura tão rica, sua divulgação e difusão em meio a jovens e seus respectivos núcleos familiares e sociais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cordel, Sistemas e Complexidade

Ao longo da História é possível observar que a tradição cordelista já existia, sendo possível encontrar seus vestígios nos povos greco-romanos e fenícios por exemplo. Foi somente por volta do século XVI que esta prática chegou à Península Ibérica (Portugal e Espanha). Interessante perceber que naquela época este tipo de publicação era chamado de “folhas soltas” ou “volantes”. Foi neste momento histórico (Renascimento) que se popularizou a impressão de relatos orais.

Vale lembrar que o nome “cordel” se origina do modo de venda destas publicações em Portugal, onde em feiras, era comum encontrar estes relatos pendurados em barbantes ou cordéis. Ao chegar no Brasil por meio da colonização, os principais cordelistas se concentraram na região nordeste, onde até os fins de 1700, ficava capital do reino

Levar o Cordel, gênero textual pouco explorado em ambiente escolar, por si só se trata de uma proposta inovadora. Ao trabalhar com a linguagem em diversos de seus aspectos (oral, escrito, cantado), compreendemos o valor cultural que uma língua carrega consigo. “A linguagem é, pois um lugar de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico” (Travaglia, 2002. p. 23).

Enquanto tipo textual, o cordel é um gênero intermediário entre oral/escrito e literatura/cultura popular, ampliando as inúmeras maneiras se trabalhar com ele em quesitos de linguagens e suas tecnologias. Do mesmo modo, a história do cordel, suas características regionais e tradição de se proclamar/cantar seus versos ampliam as possibilidades de se trabalhar com a cultura trovadoresca europeia, e nordestina brasileira, promovendo dessa forma uma verdadeira imersão à cultura cordelista.

A literatura de Cordel permite, por exemplo, explorar a intertextualidade dentro de diversas disciplinas. Uma possível prática pode ser usar o livro “**Vidas Secas**” de Graciliano Ramos nas aulas de literatura e folhetins que retratem a seca no sertão, junto a isso, a Geografia e História poderiam entrar analisando fatores socioeconômicos que levam à migração desta população para a região Sudeste do país. Além disso, paródias

são um ótimo recurso para se trabalhar com jovens, de forma que possam falar sobre o que gostam e já tem como bagagem.

Entendendo a escola não como instituição, mas como um ecossistema escolar, abordamos a complexidade discutida por Edgar Morin que este conceito traz consigo. Rompendo com a visão positivista em que a escola atualmente se configura, a Oficina pretende com sua atividade interdisciplinar, explorar a escola como um sistema complexo que é.

Compreendendo a educomunicação como uma “filosofia de experiências”, a Oficina se baseia no fato de que

o conhecimento deve, certamente, utilizar a abstração, mas buscando organizar-se com referência ao contexto [...] e que a inteligência parcelada, destrói a complexidade do mundo, separa o que está unido, unidimensionaliza o multidimensional. [...]. O pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo em que busca reunir. (Morin, 2003, p. 71).

A escola (ambiente escolar) pode ser entendida como sistema complexo em dois parâmetros:

1. Por sofrer influências de diversas áreas da sociedade;
2. Educandos e Educadores (componentes) não são homogeneizados;

Com base no que Maturana defende de ‘*sistema*’: rompemos as fronteiras individualizadas criadas pela separação de ‘disciplinas escolares’ e, para, além disso, entendemos que, como qualquer sistema, a escola está imersa em seu ambiente e este provoca nele, alterações e eventuais entropias, constrói paradigmas.

Cordel, Corpo e Ação

Restrepo afirma que a escola atualmente é herdeira da cultura audiovisual na medida em que reprime os outros sentidos (tato, paladar, olfato). E nesse sentido que, em sua proposta, a Oficina de cordel explora a criança com toda a complexidade que seu corpo lhe oferece.

Nas dinâmicas do primeiro encontro, exploramos o uso do corpo para emissão de sons, além de jogos teatrais que explorem o sentido do tato e audição. Na confecção da gravura, o uso do olfato e tato é imprescindível para um bom trabalho. Além disso, é possível se trabalhar com a culinária tipicamente explorada nos cordéis do nordeste quando se faz o panorama histórico desta tradição cultural.

Para além dos sentidos, a interação social feita através do tato e do emocional, com jogos e dinâmicas para a unificação do grupo, promovem a cognição afetiva, o educador, oficinairo, ou professor que se preze a aplicar propostas como a oficina de cordel em sua escola, deve ser

alguém que tem como matéria-prima o corpo, a fim de modelá-lo a partir de uma certa idealidade, provocando o gesto a partir da linguagem com o propósito de favorecer a emergência de sensibilidade e afeições que tem como paradigma a aproximação delicada à realidade do outro. (Restrepo, 2000, p.36).

Cordel e a folkcomunicação

Luiz Beltrão determina que informações transmitidas por meio de costumes culturais (folclore) criam um novo tipo de comunicação, a que ele chama de **folkcomunicação**. Dessa forma, o cordel nordestino nada mais é senão um bom exemplo de folkcomunicação.

Em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore. (...) A origem do termo folkcomunicação se deu em 1967, com a tese de doutoramento do Prof. Luiz Beltrão (LUYTEN apud MELO, 2003).

Com base na folkcomunicação, o Cordel é um excelente tema a ser trabalhado na sala de aula por não estar limitadas a histórias reais ou fatos do cotidiano, permitindo o abstrato, a fantasia e a criatividade imergir durante a construção narrativa. Apesar de que, neste aspecto, recomenda-se uma introdução à história do cordel, seu contexto histórico de surgimento no Brasil.

O PROJETO

Objetivo Geral

Propor uma atividade de incentivo à criação de uma narrativa. Possui caráter interdisciplinar que reúna diversas disciplinas do curriculum do Ensino Fundamental (História, Geografia, Linguagens, e Educação Artística, Ciências), através de uma ‘Semana Temática do Cordel’.

Público-Alvo

Principal: Estudantes de Ensino Fundamental (Oitavo e/ou Nono ano). Podendo ser aplicado em escolas públicas ou particulares;

Marginal: Professores envolvidos, demais estudantes, escola como um todo.

Entende-se que, ao se trabalhar com educandos do ensino fundamental II, o incentivo à prática de leitura será mais eficaz, bem como o índice de participação por parte de alunos e professores nas diversas dinâmicas de interação.

Objetivos Específicos

- ✓ Uso de diferentes gêneros textuais e discursos na sala de aula;
- ✓ Prática de reciclagem e reaproveitamento do lixo;
- ✓ Ensino de correntes migratórias Nordeste – Sudeste do Brasil;
- ✓ Ensino de construção poética com rimas;
- ✓ Apresentar a história do Cordel;
- ✓ Incentivar a prática de pesquisa nos estudantes;
- ✓ Trabalhar e estimular capacidades artísticas e criativas através da confecção do cordel.

Formas de se trabalhar o Cordel nas disciplinas

História: o cordel como tradição medieval de contar histórias;

Geografia: o regionalismo - entorno da produção desse tipo de literatura principalmente no Nordeste - e a popularização desta manifestação no sudeste (SP e RJ principalmente), nesse âmbito seria possível trabalhar as migrações dentro do país.

Linguagens: a produção textual da poesia, as estruturas rítmicas das cantigas trovadorescas (literatura); as variantes linguísticas; oralidade e texto escrito; figuras de linguagem e intertextualidade (nas temáticas abordadas nas poesias);

Educação Artística: criação de uma gravura com uma bandeja de isopor, afim de ilustrar a capa do cordel; apresentar artistas que aproveitam o lixo para fazer arte;

Ciências/Biologia: a importância da reciclagem e reutilização do lixo, como forma de ilustração: a própria gravura em isopor;

Estratégias

- ✓ Criar a ‘Semana Temática do Cordel’ na escola;
- ✓ Confecção de um cordel desde a gravura de capa até as estrofes rítmicas;
- ✓ Exposição de gravuras de capa;
- ✓ Professores envolvidos também produzem seus cordéis;
- ✓ Aceitar e trabalhar com aquilo que os alunos já trazem em sua bagagem literária/cultural;
- ✓ Manter autonomia dos professores em suas respectivas disciplinas, mas nortear o ensino delas envolta de um único objetivo;
- ✓ Proposta de troca de cordéis ao fim da semana;

Características pedagógicas para uso do cordel

Função educativa do cordel: a tradição oral de narrar e construir as histórias carrega no cordel uma característica narrativa que deve ser explorada no estudo das linguagens e principalmente como ferramenta de incentivo a leitura.

Sentido agregador: saraus e exposições dos trabalhos podem promover interações com colegas de turmas diferentes e até mesmo escolas diferentes.

Cordel é um gênero intermediário: entre oral/escrito e literatura/cultura popular e além disso, há alterações que ocorrem de acordo com o contexto geográfico e temporal de sua produção .

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO**, Helena Nagmine. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2003 – 4ª edição. Pág. 119 – 184;
- CURRAN**, Mark. História do Brasil em Cordel. São Paulo: Edusp, 2009 – 2ª edição.
- LUYTEN**, Joseph M. O que é literatura de cordel. São Paulo: Brasiliense, 2005; _____ . Uma Questão Editorial. São Paulo: ECA/USP, 1978.
- MACIEL**, Ana Daniele. Informação e Cultura: a folkcomunicação no cordel nordestino. Paraíba. 2010. Universidade Federal da Paraíba – Encontro nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão, e Ciência da Informação.
- MATURANA**, Humberto. Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006
- MONTEIRO**, Annelise, **LEITE**, Isabelle. O cordel em oficina é do que vamos tratar, ensinando com arte e rima vale a pena educar.
- MORIN**, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008
- PINHEIRO**, Hélder; **LÚCIO**, Ana Cristina Marinho. Cordel na sala de aula. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2001.
- RESTREPO**, Luis Carlos. O direito à ternura. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TRAVAGLIA**, Luiz Carlos. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º graus. Ed. Cortez, 2007.

Sites Consultados

http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm